BIBLIOTECA PÚBLICA
"BENEDITO LEITE"

DUNSHEE DE ABRANCHES

ORMA

328.3

D926a

A ALLEMANHA

E

A PAZ

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

S. PAULO

Typ. BRAZIL DE ROTHSCHILD & CIA.

Rua 15 de Novembro, 29

1917

Maranhão *offreça*
BIBLIOTECA PÚBLICA
"BENEDITO LEITE"

Dunshee de Abranches

A ALLEMANHA E A PAZ

Socorro - S. Paulo -

APPELLO

1-1-97

AO

PRESIDENTE DA CAMARA DOS DEPUTADOS

AO CONGRESSO NACIONAL DO BRAZIL

POR

DUNSHEE DE ABRANCHES

DEPUTADO FEDERAL PELO
ESTADO DO MARANHÃO ::

**BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO**

S. PAULO

TYP. BRAZIL DE ROTHSCHILD & CIA.

29 - Rua 15 de Novembro - 29

1917

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

Senhor Presidente.

Se o meu precario estado de saúde me tem privado de tomar parte nos trabalhos parlamentares, o meu patriotismo e a attitude franca, sensata e decisiva que, em bôa hora, assumi desde o inicio da actual conflagração européa, na defeza da neutralidade, da soberania e dos altos interesses internacionaes do Brazil, mais uma vez me impõem o dever de me dirigir a V. Ex. como o supremo e autorizado interprete da representação nacional na Camara dos Deputados.

E' inutil pretender occultar a profunda impressão e as grandes esperanças desper-

tadas na opinião brasileira, como na dos outros povos neutros, especialmente os americanos, deante do gesto nobre e magnanimo do imperador allemão, offerecendo a paz aos seus inimigos no momento preciso em que os exercitos victoriosos dos Imperios Centraes, em batalhas fulminantes que assombraram o universo inteiro, em poucas semanas se apoderaram de mais uma nação com que as potencias alliadas tinham imaginado deter-lhes a marcha.

Passada a surpresa dos primeiros instantes, amortecidas as justas iras com que, da parte dos governos adversos, fôra recebida a generosa iniciativa do soberano germanico, suppondo-se haver em semelhante offerta antes o desejo mesquinho de humilhar os que se poderiam julgar os vencidos do que o anhele elevado de pôr termo a tão sangrenta contenda, uma reacção benefica, todavia, não tardou a manifestar-se nos paises em luta. Apesar de todos os rigores que, entre elles, a censura marcial impõe ao telegrapho e á imprensa, percebe-se, de longe mesmo, a ancia intensa que palpita em todas as suas populações por uma paz que,

parta de onde partir, faça-se como se fizer, acabe de vez com a mais horrorosa das carnicinas que hão enlutado o mundo desde a origem dos seculos.

Nos proprios parlamentos dos belligerantes, agrupados em torno da Grã-Bretanha, através mesmo dos discursos de opposição ou de applausos e das moções de confiança ou de censura aos gabinetes guerreiros, e até das orações dos primeiros ministros, por mais altivas, arrogantes ou paradoxaes que se afigurem, o que se perscruta é apenas as difficuldades, que experimentam todos em achar uma «formula» condigna de satisfazer ás aspirações geraes de regresso á concordia e á tranquillidade, resalvando-se ao mesmo tempo melindres pessoaes e preconceitos dynasticos, ou evitando-se crises politicas e reacções intestinas que, uma vez finda a peleja, possam vir ainda conturbar a ordem interna ou as instituições domesticas de cada um dos Estados compromettidos sinistramente no conflicto.

De mais a mais, em face da guerra puramente commercial e economica, travada entre as duas grandes potencias rivaes da

Europa, arrastando cada qual o seu cortejo de satélites, a convicção de todos que sabem vêr e vêem sem paixão, é que o golpe planejado pela politica ingleza contra a grandeza crescente e a incomparavel prosperidade da Confederação Germanica falhou inteiramente aos seus fins. E este facto é por si tão evidente que nem mesmo o pôde occultar o novo chefe do gabinete de S. James no discurso em que, perante as camaras, acaba de explicar os motivos dos successivos insuccessos das armas alliadas no mar e em terra.

«*Exterminar, pois, a grande Allemanha, reduzindo-a no mappa da Europa a um pequeno paiz sem vida propria nem probabilidades de novamente crescer e expandir-se*», na phrase provocadora de Lord Grey logo ao irromper a guerra, cedo reconheceram todos que não passára de uma vertigem que se apossára na primeira hora dos homens de Estado e dos grandes jornaes de Londres, quando ainda viviam imbuidos da doce illusão de que o poder maritime inglez era incontrastavel, sem se recordar que o feria de morte o mesmo espirito retrogrado

que, nestes derradeiros trinta annos, vinha accentuando a decadencia lenta de todos os ramos de actividade no Reino Unido, condemnado quasi a uma existencia parasitaria sobre o seu mundo variegado de colonias, na maior parte tambem atrophiadas pela mais triste e oppressiva servidão.

E a Allemanha, ao contrario, nesse periodo florescera rapidamente, methodizara todas as suas energias vivas e acabára symbolizando a civilização no seu mais alto gráu nas sciencias, nas letras, nas artes, nas industrias, no commercio e na organização do trabalho. E seria assim uma loucura querer contrariar a grande lei da evolução, quando nos mostra que, si a liberdade e o progresso não se exterminam, não podem tambem desaparecer os povos que teem uma missão historica a exercer por se tornar o typo social do seu tempo...

Destruir tambem o poder militar da Allemanha, como se proclamou depois, modificando o tom primitivo da *fórmula exterminadora* do governo britanico, não tardou a verificar sem custo que não passava de uma nova utopia. Esse poder, ahi está bem

comprovado, não residia apenas nos formidaveis apparatus de guerra nem na disciplina, instrucção e patriotismo das forças germanicas. Como a Allemanha, tiveram a França, a Russia e outras grandes potencias annos e annos seguidos os mesmos orçamentos militares; gastaram quasi as mesmas sommas colossaes no preparo e equipamento das suas tropas, como tambem quantias fabulosas jámais deixou a Grã Bretanha de despende com a sua poderosissima esquadra. E, como não é possivel attribuir-se que, em uma ou alguma dessas nações, essas verbas tivessem tido destinos differentes, o que se conclue logicamente é que, si a patria de Bismarck ficou superior ás outras em força, foi devido a que, como já o affirmámos mais de uma vez, acima do seu poder militar, o que lhe ha garantido a victoria em todas as frentes é a sua incomparavel organização economico-social.

Em summa:

Vencer economicamente a Allemanha, como, afinal, se decidiu a declarar franca e abertamente a Inglaterra, descobrindo os intuitos primordiaes que a levaram a con-

flagrar o Velho Mundo e pondo as cartas na mesa com as successivas reuniões, estes ultimos mezes, das *chamadas conferencias economicas dos aliados*, ainda é e será sem duvida um impossivel. Dentro mesmo do preconizado bloqueio, com que, ha perto de tres annos, se pretende anniquilar o commercio germanico, os grandes e pequenos mercados consumidores aguardam pacientemente a sua volta á concurrencia mundial em que, até hoje, não póde ser substituida nem pelo dos Estados Unidos que se encontram quasi sósinhos, como os actuaes maiores e mais fartos fornecedores. Apesar de todos os esforços despendidos e dos processos violentos empregados, como o da *black-list*, a Grã-Bretanha não tem podido ser a grande exportadora do momento. Limita-se a continuar como a velha e atilada commerciante de sempre, a intermediaria absorvente do trafico entre os neutros e os seus aliados, ganhando o mais que póde nesse sentido, mas tambem despendendo o que quasi já não póde com a importação enorme de tudo de que carece e que vae buscar até nos paizes mais fracos e pouco

industriosas que, em vez de novas colonias mercantis em que suspirava fazer transformar-os, do dia para a noite, se tem tornado até, ao contrario, suas impertinentes credoras!

Além de que, como se acaba de vêr entre nós e já occorreu em todas as outras Republicas da America, o commercio não pôde deixar de ser cosmopolita. E' essa a sua feição historica. E o proprio trato mercantil, exercido por estrangeiros dentro de um determinado paiz, fatalmente se vae pouco a pouco nacionalizando, de modo que, na luta economica, vence sempre quem mais dá ou em melhores condições offerece. A Inglaterra, quando, de facto e de direito, foi a *rainha do commercio universal*, nunca pôde ser suplantada. No Brazil, tivemos a esse respeito um edificante exemplo. Durante a *questão Christie*, quando o governo inglez mandou assaltar os nossos portos, aprisionar os nossos navios, enxovalhar a bandeira nacional, sujeitando-nos ás mais cruas humilhações, em face da indignação geral, negociantes brasileiros e portuguezes, confraternizando e unindo-se em um só

corpo e em uma só alma, juraram solem-
nemente em publica e solemne reunião na
praça do Commercio do Rio de Janeiro,
sob a presidencia do Ministro da Agricul-
tura, jámais comprarem dalli por deante
(textualmente) «um covado só de fazenda
ou um só genero á Inglaterra!» Os factos,
todavia, não demoraram a contrariar tão al-
tivos rasgos patrioticos. O apparelho eco-
nomico-commercial do Brazil prendia-se
nesse tempo, como o de toda a America
do Sul, a Liverpool e a Manchester. E, res-
tabelecida a concordia, as relações reata-
ram-se quasi por encanto; e a libra con-
tinuou a ser a suprema reguladora dos
mercados nacionaes...

Hoje, esse precioso apparelho deslocou-
se, passou a ser ligado a Hamburgo e a
Bremen. E, sobre o inglez, o allemão, que
nunca nos offendeu nem nos procurou
tirar pedaços do territorio patrio, possui
entre nós as mais arraigadas sympathias
pelos seus methodos sizudos de negociar,
pelos seus processos cavalheirescos de cre-
dito e, acima de tudo, pela sua nulla pres-
são sobre a politica e a propria vida utili-

taria da Republica. E, ainda mais, como é sabido, o lemma germanico é — onde está o allemão, está a Allemanha...

Si, portanto, não só entre os aliados com a Inglaterra á testa, como entre todos os neutros, não ha mais duvidas neste momento de que, si mallograram todos os planos destruidores, que largamente se haviam architectado antes da guerra; si impraticavel se torna, não já exterminar a nação allemã ou extinguir o seu poder militar, mas, ao menos, arrancar-lhe a supremacia economico-mercantil no mundo contemporaneo — o que salta á consciencia de cada um é que, a esta hora, em ambos os grupos belligerantes, só ha um ideal absorvente, que uma das partes já teve a coragem de desvendar, e a outra se sente ainda estrangida a manifestar, isto é abrirem-se as negociações para a paz e fazer a paz em um pacto honroso, em que todos se confessem vencidos deante dos horrores da guerra e, ao mesmo tempo, gloriosos pelas provas de bravura, abnegação e civismo, dadas indistinctamente pelos heróes tombados nos campos de batalha.

O Brazil deve assim seguir os exemplos eloquentes que acabam de dar-nos os Estados Unidos e a Suissa, procurando pôr termo á luta, aproveitando-se da acção nobilissima do imperador Guilherme, hoje, como hontem, o grande pioneiro da paz, do trabalho e do progresso no mundo civilizado, como praticamente o demonstrou completando a obra gigantesca dos seus maiores e fazendo da sua Patria a mais culta, a mais prospera e a mais poderosa de todas as nações.

Desde que o grupo, de facto ou apparentemente, mais forte, como o quizerem, dentre os belligerantes, na sua offerta de paz, não impoz nem insinuou condições, nada mais natural e mais digno do que os neutros nobremente se colligarem, e, ouvindo uns e outros, estabelecerem a fórmula salvadora, em que nenhum dos contendores se possa sentir humilhado e se assentem as bases grandiosas, senão de um novo estado social para a Europa, ao menos de um estagio menos alarmante e mais fecundo para as gerações que tenham de receber a lutuosa herança do presente.

Ao integro Presidente da Camara dos Deputados, ao Congresso Nacional do Brazil, bem poderia ficar pertencendo entre nós tão benemerita iniciativa, si se dignasse incluir na «exposição», com que, segundo os estylos, terá de encerrar dentro de poucas horas os trabalhos parlamentares, um appello tambem ás nações amigas em guerra, para que não deixem perder a feliz oportunidade que, ao lado da Suissa e dos Estados Unidos, lhes proporcionam todas as outras Republicas americanas, para deporem as armas, permittindo que, de novo, a concordia reine na Europa e, como até hontem, a liberdade, o trabalho e o direito se tornem os grandes propulsores da vida e progresso no mundo civilizado.

Ahi deixo respeitosamente o alvitre á alta sabedoria de V. Ex. (1).

S. Paulo, 28 de Dezembro de 1916.

Dunshee de Abranches.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do

ESTADO DO MARANHÃO

(1) Por deliberação da Meza da Camara dos Deputados, foi este appello publicado no *Diario do Congresso Nacional* de 30 de Dezembro de 1916.